

BARTOLOMEU CORREIA DE MELO: CONTOS E OUTRAS ESTÓRIAS**Maria Betânia Monteiro (UFRN)**

Resumo: Bartolomeu Correia de Melo foi um escritor norte-rio-grandense, nascido na capital potiguar no ano de 1945 e criado na cidade de Ceará-Mirim. Faleceu há pouco mais de um ano, em Natal. Formado em química, ensinou na Universidade Federal do Rio Grande do Norte até o final da década de 1990. Apesar de escrever contos na juventude, só em 1998 publicou seu primeiro livro *Lugar de estórias*, vencedor do Prêmio Joaquim Cardozo, concedido pela União Brasileira de Escritores em 1997. O escritor possui uma linguagem marcada pela oralidade, característica que somada aos cenários e aos temas típicos do ambiente rural, o inscreve na tradição regionalista. Nesta entrevista concedida em 2010, Bartolomeu nos fala sobre livros e o início de sua carreira como escritor.

Palavras-chave: Entrevista. Bartolomeu Correia de Melo. Literatura. Conto.

Abstract: Bartolomeu Correia de Melo was a writer from Rio Grande do Norte. He was born in 1945 in Ceará-Mirim and passed away about one year ago in Natal. He had a degree in Chemistry and was a professor at the Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Federal University of Rio Grande do Norte) until the late 1990s. Although he wrote short stories since his youth, he only published his first book in 1998, *Lugar de Estórias* (Place of Stories), winning the Joaquim Cardozo Prize, given by the União Brasileira de Escritores (Writers' Brazilian Union) in 1997. The writer uses a language marked by orality, which, combined with typical rural scenes and themes, identifies his work as belonging to the regionalist tradition. In this interview, given in 2010, Bartolomeu tell us about books and the beginning of his career as a writer.

Keywords: Interview, Bartolomeu Correia de Melo, Literature, Short story.

Meus contos são verdes porque noventa por cento deles se baseia nas minhas memórias de infância.

Bartolomeu Correia de Melo

Ainda como repórter do caderno de cultura do jornal *Tribuna do Norte* fui incumbida de realizar uma entrevista com o escritor Bartolomeu Correia de Melo. A entrevista tinha duas motivações, uma delas o lançamento do livro *Tempo de estórias* publicado pela editora Bagaço naquele ano de 2010. O outro motivo era o seu estado de saúde. O escritor apresentava problemas respiratórios, resultado de anos dedicados ao estudo dos gases.

Antes de ligar para Bartolomeu e marcar local e data do encontro, fui pesquisar sobre sua vida e obra. Encontrei poucas publicações, todas elogiosas. A saída foi entregar as perguntas ao próprio autor. Isso foi feito em sua residência, no dia 17 de março e registrado num gravador.

Recebida na biblioteca montada em um dos cômodos da casa, iniciei a primeira parte do trabalho investigativo, que consistia em ler o ambiente onde nós estávamos inseridos. De imediato, o que chamou a atenção foi o pequeno duto de borracha percorrendo as paredes. Era oxigênio. Quando necessário, Bartolomeu utilizava o gás para facilitar a respiração.

Nas prateleiras, livros. Alguns de química e muitos de literatura. Vários títulos de Tchekhov, outros de Dostoievski. Um volume de Allan Kardec chamou a atenção pela cor e pela localização: entre um livro de química e outro de contos. Era o mote para o início da entrevista. Perguntei se era espírita. Respondeu que não. Disse ser apenas um livre pensador. Dei sequência, questionando se ele estava entre a literatura e a química.

Aquela e outras respostas dadas por Bartolomeu durante a entrevista foram parcialmente publicadas no jornal *Tribuna do Norte* em duas matérias distintas, a primeira em 20 de março e a segunda no dia 14 de abril, ambas em 2010.

A gravação tinha cerca de uma hora de duração. Risos, pausas, perguntas e respostas compunham o áudio, que depois de transcrito foi lamentavelmente apagado do gravador, objeto de uso coletivo na redação daquele jornal.

Passo a transcrever a entrevista na íntegra, buscando manter a espontaneidade da fala:

Maria Betânia Monteiro (MBM) – Sente-se entre a química e a literatura?

Bartolomeu Correia de Melo (BCM) – Essa questão de divisão das coisas, isso é geografia, história, química. Os homens é que dividem o conhecimento para melhor entender. Mas está tudo na natureza, misturado. Os seres vivos racionais subdividem para entender. Se você dá um brinquedo a uma criança, ela olha e depois... e depois quebra para melhor entender. Se você pegar uma árvore com um passarinho cantando e um cachorro em baixo, ali tem física, tem química, tem matemática. Quando você entra na filosofia, que é o estudo do pensamento humano, você tem física, química e literatura. A minha aproximação com a literatura é um negócio meio genético. Eu venho de uma família de escritores. Algumas pessoas de minha família foram da Academia de Letras, como meu irmão Paulo de Tarso. Nasci numa casa cheia de livros. Minha mãe, Gracilda Correia de Melo era uma intelectual de Angicos, mas antes de ela morrer, ela pediu para queimar tudo que havia feito. Pediu a uma empregada de confiança. Poemas, memórias, crônicas. Minha mãe era amiga de Newton Navarro, de Luiz Carlos Guimarães, eu cresci com esse pessoal frequentando minha casa. Nunca me dediquei à literatura como sendo a minha primeira atividade intelectual. Eu simplesmente lia os clássicos da literatura, desses que todo mundo tem que ler: Dostoiévski, Machado de Assis. Mas nunca passei disso não. Em termos de escritor, eu tenho mais dom de escrever do que propriamente um conhecimento profundo de literatura. Não tem Patativa do Assaré, analfabeto? É dom. É como você pintar, ser compositor, ser músico. Tem gente que se dedica à crítica literária, mas não sabe escrever. Minha formação científica é em química, onde o conhecimento se duplica a cada cinco anos. Eu tinha que ler muito enquanto professor universitário para não desatualizar. A literatura entrava como lazer.

MBM – E qual o gênero Literário lhe apraz?

BCM – Sempre gostei muito de contos. Se você olhar para trás, essa estante aí é composta de livros de contos.

MBM – Tem admiração por um autor específico?

BCM – Tem um escritor brasileiro pouco conhecido, chamado Nelson de Faria, mineiro, que ele pode até ter me influenciado. Entre os estrangeiros tem um americano Harry¹ e tem os contistas russos, que são muitos bons.

MBM – Um conto que lhe salte à memória?

BCM – Um conto de um contista russo, mas estou na dúvida se foi Tchekhov ou outra pessoa que escreveu. Um conto chamado *O Capote*². Gosto de contos. Gosto muito desses contos que tem um final inesperado, ou uma coisa que faça o leitor rir ou chorar. Mas existem modas. Depois de Mário de Andrade dizer que qualquer coisa que você escreve é conto, se estabeleceu uma moda. De repente eu posso pegar uma página de um livro, rasgar e entregar a você e dizer que é um conto, não é. Um conto tem que contar alguma coisa. Monteiro Lobato brigou com ele durante o modernismo e defendeu que o conto tinha que ser algo coerente, que não se podia começar a escrever e dizer que é um conto. Muitas pessoas entraram nessa. Em 70 houve uma queda na literatura de conto, porque os contistas deixaram de escrever contos, já que todo mundo começou a escrever um. Dalton Trevisan inventou uma nova forma, o miniconto, um conto de uma página só. Ele tinha muita competência, mas aí tomou gosto e começou a exagerar. Na arte isso é natural, muitas vezes querem ir contra as normas vigentes daquela arte, porque seguindo aquelas normas a pessoa não consegue se destacar. É a famosa melancia no pescoço. Aí vêm aqueles artistas, fazendo aquelas performances, que com licença da palavra, aquilo é porra-louquice. Fui um cientista que gostava de ler, mas leio da seguinte forma: abro um livro, se o autor não me fizer ficar com vontade de ler a próxima página eu fecho o livro.

MBM – Quais foram os livros que não chegaram ao fim?

BCM – Já fechei muito livro bom, que todo mundo diz que é bom e se obriga a ler. Vou ser muito massacrado, vão me chamar de ignorante, mas paciência. Livros que eu não

¹ Bartolomeu citou apenas o primeiro nome do autor, não sendo possível identificá-lo no cenário de escritores americanos.

² *O Capote* foi escrito por Nikolai Gogol, em 1842.

consegui chegar ao fim: *Ulisses* de Joyce, alguns livros de Franz Kafka, alguns livros de Guimarães Rosa. Ele é um grande escritor, gosto de *Sagarana*, mas em *Grande Sertão: veredas*, ele estava Guimarães Rosa demais, fazendo aquelas inversões de frase, fazendo malabarismos com a linguagem, que torna o livro muito bonito, mas a leitura muito penosa. Eu leio por prazer, não é para procurar conhecimento. Assim como escrever.

MBM – Qual a cor de seus contos?

BCM – Meus contos são verdes, porque noventa por cento deles se baseia nas minhas memórias de infância. Não faço uma biografia. Nas histórias de família, observo os causos, pego como mote, modifico e escrevo o conto. Meus contos fazem rir e chorar. Mais rir do que chorar. Verdadeiras poesias não digo, porque não sou poeta. São louvações à minha terra. Os canaviais do Ceará-Mirim estão em *Menino de Engenho*. Fui menino de engenho, vivi na produção de mel, de rapadura, vivi no Ceará-mirim, nos engenhos da família, no Engenho Santa Rita. Sou descendente da aristocracia rural falida. De família onde o bisavô era não sei quê do império, o avô era coronel não sei de onde, o pai só tinha a nobreza e o filho já era pobre. Quando eu era menino, já não existia nenhum engenho na minha família. A cidade de Ceará-Mirim está no cenário de meus contos. Os contemporâneos de Ceará-Mirim dizem viajar no tempo, tanto que os meus dois livros principais, um se chama *Lugar de estórias* e o outro *Tempo de estórias*. Tenho um amigo escritor, Francisco Dantas, sergipano e ele diz que a base da literatura é a memória. Parte é da sua vivência e o resto você fabula. Memória da infância e da adolescência. Tem uma frase batida que diz: canta a sua aldeia que serás universal. A humanidade é uma só. A humanidade é toda a mesma. Tenho um amigo chamado Inácio Magalhães, que fala: de Ceará-Mirim à Constantinopla a humanidade é uma só. Amores, diversidades, virtudes e defeitos são comuns. No geral, os dramas que povoam as estórias, tenham elas se passado numa aldeia da Rússia, ou em Paris, ou em Ceará-Mirim, tudo leva para a mesma coisa que é a natureza humana.

MBM – O senhor é um bom observador da natureza humana?

BCM – Não. Eu não gosto de fazer psicodramas, eu prefiro contar uma boa história. Não tenho a competência dos escritores que dissecam um personagem. Inclusive isso só pode ser feito num romance. Um conto descreve de passagem, dá três ou quatro pinceladas das qualidades físicas e espirituais sobre uma pessoa. Se você for fazer isso, seu conto vira uma

novela. Sou acusado pelos meus críticos de escrever estórias simples. Apenas não penetro nas almas dos personagens.

MBM – Será que tem a ver com a ciência?

BCM – É incompetência mesmo de observar as pessoas. Aceito as pessoas como elas são e não como eu queria que elas fossem. Se você quer ir além da máscara, noventa por cento das vezes você erra.

MBM – Vamos falar Sobre o livro *Tempo de estórias*?

BCM – Sou contratado exclusivo da Editora Bagaço. Vou chiar um pouco, mas sou um dos poucos escritores do Rio Grande do Norte que ganha para fazer um livro. *Tempo de estórias* está sendo distribuído em todo o país através da internet. Como santo de casa não obra milagre, eu sou mais conhecido fora do Estado do que aqui. A capa deste livro foi feita por Tomé Filgueira, meu conterrâneo de Ceará-Mirim. Um grande amigo meu. Lamento a morte dele. Escrevo conto desde moço e ganhei um prêmio onde Nei Leandro de Castro era júri. Brinco dizendo que eu era um contista trissesto, que escrevia a cada três anos. Ganhar um prêmio não era meu sonho, meu sonho era a vida rural, mas a atividade enche o tempo e não enche a cabeça. Desisti e voltei a ser fazendeiro de fim de semana. Quando me aposentei aos 50 anos, em 1995 – nasci em 7 de março 1945, sou pisciano, mas com todas as qualidades do signo, não acredito nisso não –, comecei a arrumar as minhas gavetas. Aqui acolá encontrava um conto há dez, vinte anos guardado. Encontrei uns vinte contos, destes escolhi quinze. Fiz um livro no computador – e só fiz o livro por causa do computador! Fiz um livrinho e mostrei a meu irmão e aos meus amigos entendidos de literatura. Eles diziam: rapaz está bom, coisa e tal. Eu nunca acreditava porque eles eram os meus amigos. Um dia Carlos Newton Júnior chegou para mim e disse: você deveria se inscrever num concurso. Respondi: rapaz eu não vou ganhar concurso.

MBM – E quando houve a virada? Quando decidiu se inscrever?

BCM – Carlos Newton disse: me arranje três cópias do livro, que estou precisando. Praticamente, ele inscreveu os contos no concurso da UBE à minha revelia. Um belo dia toca o telefone. Era a secretária da UBE avisando que eu tinha ganhado o prêmio. Quando a moça ligou, disse que seria um prêmio em dinheiro e mais um patrocínio para lançar o livro pela

Xerox do Brasil. Aí eu pensei que fosse um trote. Pensei que fosse coisa de Luís Damasceno, da Cooperativa Cultural, que é muito brincalhão. Tratei a moça muito bem e disse: mas isso aí é trote de Luís damasceno. Ela perguntou: como, senhor? Eu respondi: nada não. Liguei para Luís dizendo toda a qualidade de nome com ele e Luís, coitado, sem saber do que eu estava acusando ele.

MBM – Sua expectativa em relação à literatura ganhou novo rumo com o prêmio?

BCM – Minha vida literária começou com o prêmio. A premiação aconteceu no centenário de Joaquim Cardozo, poeta pernambucano. Cardozo era engenheiro calculista. Fez cálculos estruturais das obras de Brasília. Era também um grande poeta.

MBM – E sua incursão na literatura infantil, quando aconteceu?

BCM – Comecei escrevendo depois que os meus netos nasceram. Tenho dois livros de estórias infantis e um terceiro que vai sair em pouco tempo. A publicação aconteceu por acaso. Quando fui mandar o arquivo do livro de contos para o meu editor em Recife, selecionei sem querer outro arquivo, um que tinha a estória do *Fantasma Bufão*³. Mandeí o e-mail à noite. No outro dia pela manhã o editor me liga e diz: já mandei ilustrar. Eu respondi: rapaz eu não quero livro de conto, ilustrado não. Ele continuou: o de conto não, a estorinha infantil. Que estorinha infantil? Perguntei. E ele: a que você mandou. Foi por acaso, mas é o que vende mais.

³O *Fantasma Bufão* foi publicado pela Editora Bagaço em 2004.